



**PERFIL DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO - EUNÁPOLIS-BA,
2013**

Flaviane Ribeiro Nascimento¹
Ivanildo Antônio dos Santos²
Marco Ferreira Santos³

INTRODUÇÃO

Identificar o perfil de mulheres vítimas de violência de gênero é tarefa política de denunciar um fenômeno que se dissemina por meio da ideia de dominação de um suposto sexo forte sobre um suposto sexo frágil em situação potencial de violência/vulnerabilidade, e possibilita produção de dados que permita uma avaliação das políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres.

Tendo em vista a construção do perfil das mulheres vítimas de violência em Eunápolis-Ba, no ano de 2013, quando o município figurava entre os mais violentos (número de homicídios) do Estado do Bahia e do Brasil (MAPA, 2014), considerou-se o conceito de violência adotado no âmbito das políticas públicas para as mulheres, que foi construído na Convenção de Belém do Pará no ano de 1994. A dita Convenção considera como violência, para fins de estudos contra a mulher, qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado (CONVENÇÃO, 2015).

O conceito de gênero é uma ferramenta analítica importante, haja vista a compreensão de que às relações desiguais e subalternizadoras entre mulheres e homens se justapõem as relações de gênero, porque um elemento, historicamente, constitutivo de

1 Mestre em História Social do Brasil pela Universidade Federal da Bahia IFBA, campus Eunápolis/GEICES – Brasil. É professora de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), onde desenvolve atividades sobre a temática da diversidade étnica e cultural e de enfrentamento ao racismo, bem como acerca da diversidade de gênero vinculadas ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Sociedade (GEICES/IFBA). Endereço eletrônico: flavianeodara@gmail.com

2 Pós-doutorando no IPEN-USP na área de termodinâmica computacional e diagramas de fases. Atualmente é professor EBTT com Dedicção Exclusiva no Instituto Federal da Bahia - IFBA-Campus Eunápolis, Bahia, Brasil. Endereço eletrônico: iasantosif@yahoo.com.br

3 Licenciado em Matemática pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - Campus Eunápolis, Bahia, Brasil. Endereços eletrônicos: profmfsantos@outlook.com



relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos que se expressam na forma de violência (SAFFIOTI, 1995; SAFFIOTI, 2004). Assim, para os objetivos deste estudo, entende-se que a violência que atinge as mulheres é uma manifestação da violência de gênero, posto que praticada contra o sujeito do sexo feminino, tem lastro nas desigualdades sexuais e de gênero e somente inteligíveis à luz das relações entre homens e mulheres, bem como dos contextos sociais, políticos e culturais da(s) masculinidade(s) e da(s) feminilidade(s).

METODOLOGIA

Para realizar a construção do perfil das vítimas de violência e, portanto, quem são essas mulheres, construiu-se uma ficha de coleta de dados sócio-econômicos, étnico-raciais, etários, dentre outros. Esses dados foram colhidos nos Boletins de Ocorrência (B.O) junto aos registros do Departamento de Polícia Civil de Eunápolis (DPCE). As informações foram tabuladas no Microsoft Excel®, visto que o mesmo possibilita a construção de tabelas e gráficos de conteúdo estatístico que permitiram uma análise comparativa e estatística, possibilitando leituras e inferências à luz de bibliografia especializada sobre o tema e de outros levantamentos estatísticos, como o mapa da violência.

Para o tratamento estatístico dos dados foi de fundamental importância a análise, à luz do conceito de violência de gênero, dos dados encontrados para o município de Eunápolis-Ba comparando-os a outras realidades de perfis sócio-históricos semelhantes e diferentes, possibilitada pelo Mapa da Violência, que, por outro lado, também contribui na leitura, interpretação e significados das informações obtidas para o município no universo da violência praticada contra a mulher no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil das mulheres vítimas de violência em Eunápolis, no primeiro semestre de 2013, foi construído por meio dos dados colhidos na DPCE, os quais se referem à violência física, psicológica, moral e patrimonial, em grande medida realizadas em âmbito doméstico. Esses dados foram provenientes dos registros de ocorrência gerados de queixas-crime



procedidas pelas vítimas e decorrentes de denúncias de outrem. Para o período citado foram coletadas e tabuladas quinhentas e dezoito (518) fichas referentes a quinhentas e dezoito (518) mulheres, a partir das quais foram gerados gráficos, objetos das análises que seguem. De modo que serão apresentadas as variáveis e suas incidências, além da discussão dos seus respectivos significados.

Com relação à variável a Idade, foi identificada a faixa etária das vítimas e, para melhor visualização e análise gráfica, os dados obtidos foram subdivididos em faixas etárias por meio da distribuição em intervalos de classes considerando a fórmula de Sturges (FONSECA e MARTINS, 1996), utilizada para determinar a quantidade de classes a serem analisadas. O gráfico da Figura 1 apresenta os resultados obtidos para essa variável. Ressalta-se que a barra ">38" é resultante da junção de todas as classes com idade maior que 38 (trinta e oito) anos (oito classes no total).

Por meio do gráfico da Figura 1 observa-se que as faixas etárias mais incidentes são dos 18 a 22 anos até 33 a 37 anos, que somam 73% das vítimas. Nessa faixa-etária a mulher está no ápice de sua juventude e da sua vida sexual. É provável que nesse período ela já possua vínculos afetivos de alguma natureza (namoro, casamento, união estável, ou relações sexuais-afetivas esporádicas). É, justamente, nessa faixa-etária que a mulher está mais vulnerável a ser vítima de violência. Esse dado concorda com o mapa da violência do ano de 2012 (MAPA, 2014) que também identifica essa incidência.

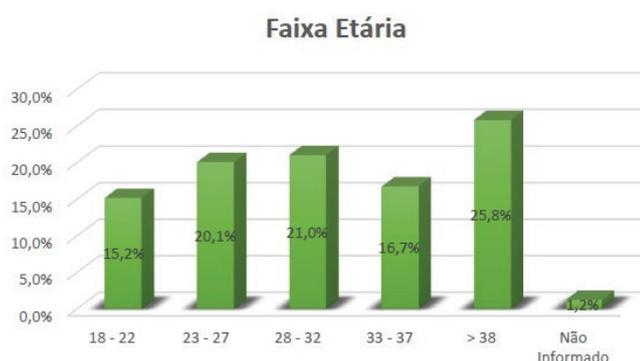


Figura 1. Faixa etária das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte. B.O do DPCE.

Sobre o estado civil dessas mulheres, observa-se pelo gráfico da Figura 2 que a maior predominância está na variável Solteira, embora isso não signifique que elas não possuam vínculos afetivos-sexuais com alguém, um suposto companheiro-agressor.



Figura 2: Estado Civil das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte: B.O do DPCE.

Ao identificar o/a agressor/a temos que em 44,3% dos casos são Companheiros/Ex-companheiros e 22,0% contabilizam Amigos/Conhecidos do sexo masculino. O que sugere que os companheiros e ex-companheiros foram, na maioria das vezes, o agressor, sobretudo se cruzarmos essas informações com os dados do gráfico da Figura 2. Além disso, conforme apresenta o Mapa da Violência (2014), o Companheiro/Ex-companheiro é, na maioria dos casos, o agressor, porém, existe também um número considerável de casos para a variável Amigo/Conhecido. Ao observar essa co-incidência para Eunápolis, bem como realizar o cruzamento dessa informação com outras, como a idade das vítimas, por exemplo, observa-se que a violência de gênero é constituinte de um determinado idioma de masculinidade que se expressa (va) de forma mais efetiva em determinadas circunstâncias.

Os dados sobre escolaridade foram analisados ao lado das informações sobre ocupação, pois entende-se que o grau de escolaridade condiciona o ingresso no mundo de trabalho (empregabilidade e salário, notadamente), e, portanto, nos permitirá especular se o fato de a mulher possuir ou não independência financeira a faz vítima potencial de violência ou não. Dos dados sobre Escolaridade temos que, das mulheres vítimas de violências nos registros da DPCE em 2013, 89% frequentaram a escola, das quais apenas 2,9% são analfabetas (0,5% não informa), 47,4% têm ensino médio completo ou incompleto e 11,1% têm ensino superior completo ou incompleto. Esse dado sugere que, decerto, a escolarização das vítimas tenha potencializado a denúncia, tanto por conta do acesso à informação relativa ao debate de gênero e de direitos, quanto pelas chances de a mulher (e o homem) ingressar no mundo do trabalho, ampliadas pelo capital educacional. Esse último aspecto pode ser observado a partir das variáveis Emprego/Ocupação e



Renda, já que 92,9% das mulheres vitimadas estavam empregadas ou possuíam alguma renda. Sendo assim, é provável que essa mulher-vítima-denunciante - maioria dos casos encontrados na DPCE - em situação (ou com possibilidade) de autonomia financeira, seja a que mais denuncia o companheiro-agressor.

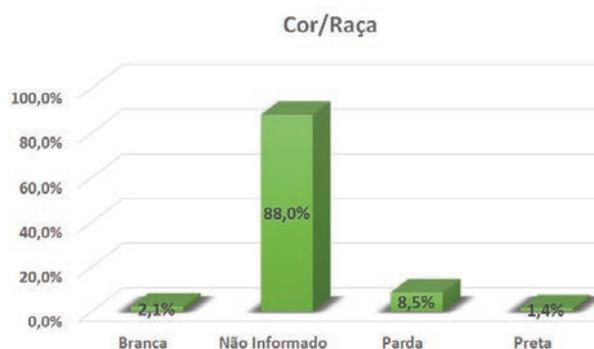


Figura 3: Faixa etária das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte: B.O do DPCE.

A respeito dos dados de Cor/Raça das vítimas houve dificuldades em determinar a incidência dessa variável, visto que na maioria dos boletins de ocorrência não consta essa informação, gerando, assim, um grande número de Não Informado, como mostrado na Figura 3. No entanto, ao se analisar as variáveis que aparecem, as mulheres negras e pardas somam, exatamente, 9,9%, um número aproximadamente 5 (cinco) vezes maior que o número de mulheres brancas que foram vítimas de violência (2,1%). Esses números indicam que mulheres negras e pardas estavam mais vulneráveis a serem vítimas de violência de gênero. Conforme o mapa da violência do ano de 2013 (MAPA, 2015), as mulheres negras/pardas também são, proporcionalmente, as maiores vítimas de homicídios. Nesse ano, na Bahia, morreram 41 brancas e 360 negras, numa curva ascendente ao longo dos anos, quando para as primeiras é descendente. Esses dados nos levam a inferir que as mulheres negras estão, historicamente, em maior número em situação de violência.

Os poucos dados de violência que geraram registros na DPCE nos limitam, porém, a fazer deduções mais assertivas sobre essa variável, mas sugerem que, se as mulheres negras são as que estudam menos e ganham salários menores, se comparado às mulheres brancas, são também as que menos casam formalmente, as que em maior número moram afastadas do centro ou nas zonas periféricas, distantes dos equipamentos de assistência, saúde e delegacia, como indicam vários estudos, são elas as mulheres em maior situação de vulnerabilidade, inclusive, à violência de gênero. Um aspecto a ser destacado com relação a essa variável é o grande número de não registro nos boletins de ocorrência, que sugerem



não haver uma rotina seguida por todos os profissionais envolvidos ou/e, quiçá, tentativa de invisibilização/silenciamento deliberado dessa variável, inferências que ainda carecem de maior investigação.

CONCLUSÕES

De acordo com os dados coletados e tabulados provenientes dos autos da DPCE, concluímos que as mulheres que foram vítimas de violência em Eunápolis-Ba, no primeiro semestre do ano de 2013 - que denunciaram a violência ou estiveram envolvidas em casos de flagrante delito -eram, em sua maioria, pardas e negras, estavam na faixa etária entre 18 a 37 anos, possuíam ensino médio completo, tinham renda ou estavam empregadas, eram, em grande medida, solteiras, mas, provavelmente vivendo em relações afetivas consensuais. Ressalta-se, no entanto, que esse perfil contempla, sobretudo, as mulheres-vítimas-denunciantes.

Palavras-chave: Violência de Gênero. Mulheres. Perfil. Eunápolis-BA.

AGRADECIMENTOS: Os autores agradecem ao IFBA e a FAPESB pelo apoio.

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher. (Convenção de Belém do Pará). Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao_belem_do_para.pdf>. Acesso em 24/01/2015.

SAFFIOTI, H.I.B. Gênero, Patriarcado e Violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H; ALMEIDA, S.A. Violência de Gênero. Rio de Janeiro, Revinter, 1995.



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

WASELFIZS, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012. Homicídio de Mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2014.

WASELFIZS, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2014. Homicídio de Mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2015.

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de Estatística. 6^a ed. São Paulo: Atlas, 1996.